
Copyright © 2004 by os Autores.

Capa:

RAIMUNDO NONATO CASTRO DE CASTRO

Editoração:

MARCONE RAMOS

Revisão:

WAGNER CABRAL DA COSTA

Impressão:

GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

2004

Todos os direitos desta edição reservados ao
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA / UFMA
Avenida dos Portugueses, s/n - Campus do Bacanga
CEP: 65.085-580 - São Luís - Maranhão
Telefone: (98) 217-8331
E-mail: dehis@ufma.br

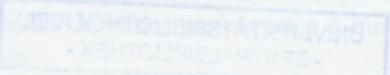
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Fernando Antonio Guimarães Ramos
Reitor
Prof. Mr. José Antônio da Costa Bonaguidi
Vice-Reitor

HISTÓRIA DO MARANHÃO: NOVOS ESTUDOS



Organização:
WAGNER CABRAL DA COSTA



ISBN 85-82048-47-6



A

05 Bc 8754



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Fernando Antonio Guimarães Ramos

Reitor

Prof. Ms. José Américo da Costa Barroqueiro

Vice-Reitor

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Ezequiel Antônio Silva Filho

Diretor

Conselho Editorial

Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferreti

Prof. Dr. Silvio Gomes Monteiro

Prof. Dr. João Viana da Fonseca Neto

Profª. Dra. Beatriz Sabóia

UNIVERSITÄTSBIBLIOTHEK KIEL
- ZENTRALBIBLIOTHEK -

História do Maranhão: novos estudos/Wagner Cabral da Costa
(Org.).-São Luís: Edufma, 2004.

299 p.

ISBN 85-85048-47-6

1. Maranhão – História I. Costa, Wagner Cabral da II. Título.

CDD 981.21

A

v

Índice

Apresentação	5
Identidade Tenetehara - Claudio Zannoni	9
Documentos sobre a colônia francesa no Maranhão (1612-1615): as partes censuradas do livro de Yves d'Évreux <i>Suite de l'histoire</i> - Franz Obermeier	33
Família e Fortuna no Maranhão Setecentista - Antônia da Silva Mota	51
Escravos, livres pobres, índios e imigrantes estrangeiros nas representações das elites do Maranhão oitocentista - Regina Helena Martins de Faria	81
Criminalidade escrava: fala da civilização e urro bárbaro na Província do Maranhão (1850/1888) -Yuri Michael Pereira Costa	113
A educação feminina em São Luís (século XIX) - Elizabeth Sousa Abrantes	143
Entre a Terra e o Paraíso: representações do protestantismo no Maranhão (1870/1930) - Lyndon de Araújo Santos	175
Os clubes republicanos e a implantação da República no Maranhão (1888/1889) - Luiz Alberto Ferreira	205
Saúde pública e pobreza: São Luís na Primeira República - Maria da Conceição Pinheiro de Almeida	231
A raposa e o canguru: crises políticas e estratégia periférica no Maranhão (1945/1970) - Wagner Cabral da Costa.....	265
Os autores.....	299

DOCUMENTOS SOBRE A COLÔNIA FRANCESA NO MARANHÃO (1612-1615):

As partes censuradas do livro de Yves d'Évreux *Suite de l'histoire*

FRANZ OBERMEIER

A história da colônia francesa no Maranhão é um dos episódios melhor documentados do Brasil colonial. Enquanto sobre a primeira colônia francesa no Rio de Janeiro (1555-1560), há dois livros de viajantes: o primeiro, do franciscano André Thevet, *Les singularités de la France antarctique*, Paris, 1557/58; e o segundo do calvinista Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, [Genève], 1578. Thevet ainda escreveu capítulos etnologicamente importantes sobre o Brasil na sua *Cosmographie universelle* (1575); além de juntar alguns retratos inventados de chefes indígenas na sua coleção de perfis de pessoas importantes, editada em 1584 com o título *Les vrais pourtraicts et vies des hommes illustres*. Existem ainda, de sua autoria, alguns manuscritos sobre o Brasil, dos quais partes foram publicadas somente em 1953.¹ O ensaio *Des cannibales* (1580) de Michel de Montaigne, a primeira crítica elementar dos conceitos de superioridade cultural e moral dos europeus sobre os índios, se baseia em informações da colônia de Villegaignon, provenientes dos livros desses viajantes (mesmo se Montaigne nega conhecê-los) e dos relatos de seu servidor pessoal, um "truchement" (tradutor francês da língua indígena) que havia estado na colônia do Rio de Janeiro (o qual, segundo Montaigne, teria sido seu único informante).

Mesmo sendo a colônia de São Luís (fundada em 1612) um projeto privado com o apoio da Corte francesa, a Regente Marie de Médicis exigiu uma política religiosa católica e se ocupou pessoalmente com o envio de quatro missionários capuchinhos junto com a primeira expedição. A Regente até escreveu uma carta ao chefe militar da colônia, o calvinista Daniel de La Ravardière, reiterando esse pedido de uma dominância católica.² Entretanto, a Corte não podia renunciar à ajuda de Daniel de La Ravardière que tinha uma grande experiência náutica no Brasil e bons contatos com os índios da região, além de ter investido seus próprios recursos na empresa. A colônia francesa no Maranhão duraria somente até 1615, mas a documentação sobre a mesma elaborada por dois dos capuchinhos é uma das melhores sobre a história regional do Brasil no início do século XVII.

A maioria dos trabalhos sobre a colônia francesa se refere mais à obra de Claude d'Abbeville, *Histoire de la mission des pères capuchins*, publicada em

Paris em 1612, logo, imediatamente disponível para os contemporâneos e, mais tarde, para pesquisadores. Do Padre Yves d'Évreux, até o momento, só foi utilizada a versão do exemplar de Paris, publicada por Ferdinand Denis em 1864. Em minha Tese de Doutorado, tive a oportunidade de analisar, pela primeira vez, partes censuradas e desconhecidas do livro desse missionário que são de grande importância para a história da região. Dessa maneira, fiz uma análise detalhada da história da colônia de São Luís e de todos os documentos conservados no livro, inclusive a iconografia.³

O livro de Padre Yves foi pensado como uma continuação cronológica de Claude d'Abbeville. Deveria ter sido publicado em 1615 com o seguinte título:

Suite de l'HISTOIRE/ DES CHOSES PLUS/ MEMORABLES ad/
venuës en Maragnan/ és années 1613/ & 1614/ SECOND TRAITE / A
Paris/ De l'imprimerie de François Huby, ruë saint/ Jacques à la Bible
d'Or, & en sa boutique/ au Palais, en la galerie des/ prisonniers/Paris
M.C. D. XV [para M.D. C. XV] / Avec privilege du roy.

Contudo, por razões políticas o livro não pôde ser publicado. Assim, o livro já impresso foi censurado por mão desconhecida. Entrementes, um expedicionário, François de Rasily (ou Razilly, 1578-1622), salvou o que se conservou depois dessa censura. Em 1618, esse militar mandou encadernar o livro e acrescentou um prefácio no qual escreveu:

Voicy ce que i'ay peu par subtils moyens recouvrir du livre du R.P.
Yves d'Évreux supprimé par fraude et impieté, moyennant certaine somme
de deniers, entre les mains de François Huby, Imprimeur, Que i'offre
maintenant à V. M. [scil. Vostre Majesté] deux ans & demy apres sa
premiere naissance aussi tost estouffée qu'elle avoit veu le iour.

Yves, Prefácio de Rasily, paginação acrescentada, Denis p. 14.

Eis o que pude, por meios sutis, recuperar do livro do Padre Yves d'Évreux, suprimido por fraude e impiedade, mediante certa soma em dinheiro, entre as mãos do impressor François Huby. [E] que ofereço agora a Sua Majestade, dois anos e meio depois de seu aparecimento, imediatamente sufocado mal veio à luz.

Neste prefácio, Rasily discutiu ainda as críticas dos contemporâneos, relativas às razões pelas quais a colônia foi desleixada pela política francesa:

[...] l'on s'est servy de deux impostures trop reconneuës de
personnes qui ont bon iugement, lune [sic!], que le pays estoit infertile,
& ne produisoit aucune richesse, contre la verité, que i'ay tousiours
constamment maintenuë, et qui ne paroit aujourd'huy que trop veritable,

Yves, Prefácio de Rasily, paginação acrescentada p. 2-3, Denis p. 1-2.

[...] Recorreram a duas imposturas, muito bem conhecidas por pessoas de bom senso: uma, que o país seria infecundo e não produziria riqueza alguma, contra a verdade, que eu defendi constantemente, e que parece hoje muito verdadeira.

Um argumento semelhante contra a colônia se encontra numa carta de François de Malherbe, célebre escritor e homem da Corte, datada de 15.04.1613.⁵ O segundo argumento dos críticos foi a impossibilidade de realizar a missão religiosa:

L'autre [scil. O argumento contra a colônia era], que les Indiens estoient incapables du Christianisme contre la parole de Dieu, & la doctrine universelle de l'Eglise.

Yves, Prefácio de Rasily, paginação acrescentada p.3, Denis p.2.

A outra [impostura], que os índios seriam incapazes [de receber a luz] do cristianismo, o que está em oposição à palavra de Deus e à doutrina universal da Igreja.

Rasily não faz qualquer alusão à razão concreta dessa censura, que foi de caráter político. O casamento entre o jovem rei de França Louis XIII e a princesa espanhola Anne d'Autriche impediu que a pequena colônia obtivesse mais ajuda da França, sendo conquistada sem combate pelos portugueses em 1615, depois de uma batalha e uma trégua de um ano. Dessa maneira, o livro de Yves d'Évreux, apesar de impresso, não podia mais ser publicado, sendo presenteado por Rasily ao Rei da França somente em 1618. Esse exemplar com lacunas encontra-se hoje na Biblioteca Nacional em Paris, tendo sido a base da primeira edição feita pelo historiador Ferdinand Denis em 1864. Não se conservou nenhum exemplar completo de antes da censura ou mesmo um manuscrito de Yves d'Évreux que permita reconstruir as partes que faltam. Mas há um exemplar impresso um pouco mais completo do que o único exemplar conhecido até agora. Esse exemplar se encontra atualmente na New York Public Library (Fundação Astor Tilden e Lennox) e contém as páginas 97 f.-104 v., 113 f.-120 v., 297 f.-304 v. e 337 f.-344 v., isto é, 64 páginas a mais que o exemplar de Paris e a primeira edição.⁶ Faltam em todos os exemplares ainda 8 páginas do prefácio, as páginas 9 f.-16 v., 33 f.-40 v., 185 f.-192 v. e o fim do livro a partir da página 365 f.⁷

O exemplar de Nova Iorque (do qual temos cópia em microfilme) não contém o nome de um proprietário ou uma proveniência identificável de uma biblioteca, certificada por um ex-líbris ou outros elementos do livro como a encadernação. Pudemos só reconstruir que se encontrava no século XIX na coleção privada de um Dr. J. Court, colecionador de livros de viagem.⁸ Depois da morte deste, foi vendido em 1886 e descrito detalhadamente na bibliografia de Garraux

(1898).⁹ Serafim Leite (1961, p.185/186) o menciona sem tê-lo conhecido ou analisado.¹⁰ Estudos recentes ignoram esse exemplar mais completo.¹¹

A questão fundamental que se coloca é saber por quê existem essas diferenças entre os dois exemplares do livro de Yves d'Évreux, pois o exemplar de Nova Iorque contém o prefácio de Rasily, o que mostra que não se trata de um exemplar salvo por outra pessoa ou comercializado. Infelizmente, outros exemplares não existem, como uma edição original na John Carter Brown Library mencionada erradamente em catálogos americanos.

Devemos lembrar que, ao presentear o livro, Rasily tinha uma intenção bem clara: ele não quis fazer um trabalho filológico, era militar; mas sim quis fazer-se lembrar e à sua família na Corte enquanto militares meritórios na política colonial francesa. Ele até se oferece para reconquistar o Maranhão, o que nunca foi discutido seriamente, apesar dos franceses demonstrarem um certo interesse na região amazônica.¹²

Desquelles illusions [os mencionados argumentos contra as possibilidades de uma colônia e missão no Maranhão], quand il plaira à V. M. s'en relever par les salutaires advis de personnages d'honneur, recogneué [sic!] pour estre zelez à l'accroissement de la gloire de Dieu, & celuy de vostre Royaume, ie luy offre encor' ma vie, celle de mes freres.

Prefácio, sem paginação, folha 3/4/Denis p.2

Quando aprouver a Sua Majestade liberar-se destas ilusões, [auxiliado] pelos salutareos conselhos de pessoas honradas, reconhecidas por seu zelo ao aumento da glória de Deus e de vosso Reinado, eu vos ofereço ainda a minha vida e a de meus irmãos.

Junto com o livro, Rasily também entregou um memorial ao Rei, no qual relata a história da colônia.¹³ O fato é que, dos 20.000 escudos prometidos (Leite, 1961, p. 206), a expedição só teria recebido 6.000 e que o clero deveria pagar sua parte. Segundo nosso entendimento, tal se sucedeu porque houve apenas um apoio formal da Coroa ao projeto, provavelmente porque havia já um grupo pró-espanhol na Corte que via essa colônia como um impedimento a uma aproximação com a Espanha. No memorial, François de Rasily lembra ainda que deu 10.000 escudos da própria fortuna (e de seus irmãos Claude e Isaac, por ele mencionados e que participaram da expedição), montante que perdeu com o fim da colônia.

Não conhecemos a reação da Corte à doação do livro. Pelo menos sabemos que Rasily conseguiu chamar a atenção e cair nas graças da Corte. François de Rasily morreu em 1622 e não se beneficiou mais dessa situação. Contudo, um de seus irmãos teve um papel bastante importante como conselheiro do Cardeal Richelieu em matéria de colônias. Isaac de Rasily (cerca 1587-1635) foi governador da Acadie, região do Canadá francês, a partir de 1632. Um de seus juízos,

num memorial sobre a política colonial francesa, pode ser lido também como julgamento retrospectivo sobre as causas do insucesso da colônia do Maranhão e põe o acento na falta de recursos numa colônia financiada por mercadores:

Tout ce que je trouve fascheux des marchands, c'est qu'ils ne sont pas propres à dresser des colonyes, d'aultant qu'ils veulent toujours ung proffict présent, et ne regardent ce quy aryvera dans dix ans; car ils n'ont d'autre but que leur proffict, et ne se soucyent de la gloire de Dieu ny de l'honneur de leur prince, le seul proffict annuel les aveuglant.¹⁴

Aquilo que considero deplorável nos negociantes, é que eles não são apropriados para erigir colônias, visto que eles querem sempre um lucro imediato, e não olham para aquilo que ocorrerá daqui a dez anos; porque eles não têm outro objetivo senão o próprio lucro, e não se preocupam com a glória de Deus, nem com a honra de seu Príncipe, o exclusivo lucro anual lhes cegando.

Mesmo se os franceses nunca adotaram medidas concretas para retomar a posse da região, a idéia existia e foi proposta várias vezes às pessoas importantes da Corte. Tal idéia se encontra no livro de Blaise François Pagan, *Relation historique et géographique de la grande rivière des Amazones dans l'Amérique* (Paris, 1656), e num memorial de um certo Sainte Colombe ao ministro Colbert sobre a conquista da região, conservado junto com um manuscrito de Mauricio de Heriarte sobre as colônias do norte, *Descriçam do Estado do Maranhão, Para, Corupa, Rio das Amazonas de 1662* (publicado pela primeira vez por Varnhagen em 1878).¹⁵ O livro de Pagan é dedicado ao Cardeal Mazarin e baseado, sobretudo, no livro de Cristóbal d'Acuña, *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*, Madrid, 1641. Esse último livro era quase desconhecido, porque foi censurado pela Corte espanhola logo depois da publicação, em função da recém-conquistada independência de Portugal e suas colônias diante da Espanha. O engenheiro militar Pagan propõe, portanto, ainda em 1656 a conquista da região pelos franceses. A mesma idéia se encontra numa tradução francesa de Acuña feita por Marin Le Roy de Gomberville com o título *Relation de la rivière des Amazones*, Paris, 1682. A tradução inglesa do livro de Pagan por William Hamilton, chamada *An historical [and] geographical description of the great country [and] river of the Amazones in America* (London, 1661) propõe a mesma coisa ao Rei da Inglaterra.¹⁶

A existência do prefácio de Rasily em todas as duas edições permite a hipótese bastante verossímil que Rasily certamente foi muito prudente no tratamento de um livro a ser entregue ao Rei e que podia ser lido tanto pelo Rei quanto por altos funcionários da Corte, os quais podiam decidir o futuro de sua carreira. Por isso, provavelmente foi o próprio Rasily quem fez uma segunda censura no exemplar do livro de Yves d'Évreux que já tinha lacunas. Essas par-

tes censuradas puderam ser conservadas em outro exemplar, talvez da biblioteca privada de François de Rasily, ou de outro participante da expedição que mantinha contato com Rasily e recebeu deste o livro do capuchinho.

Essas 64 páginas desconhecidas, que vou publicar em breve em artigo no Boletim do Museu Goeldi, são de grande importância para a etnologia, a etnolinguística (contêm listas de vocabulário tupi, típicos para os livros da época) e a história do Maranhão. Aqui pretendo analisar se nessas partes podemos encontrar passagens que indicam possíveis razões para essa segunda censura.

AS PARTES CENSURADAS DO LIVRO DE YVES D'ÉVREUX

Essas partes são do fim do capítulo XXIII e início do capítulo XXIV (as páginas 97 f. – 104 v.); do início do capítulo XXVI e início do cap. XXVII (p. 113 f. – 120 v.); no *Second traité* (Segundo tratado) do fim do cap. IX e início do cap. X (p. 297 f. – 304 v.); e do fim do cap. XIV e início do cap. XV (p. 337 f. – 344 v.).¹⁷ Lembramos que sempre faltam só partes desses capítulos e se trata sempre de 8 folhas, isto é, 16 páginas, porque era costume dos impressores da época utilizar uma grande folha de 8 páginas frente e verso. Só quando vendido o livro inteiro era encadernado, segundo os desejos do comprador. Na primeira censura também foram sempre suprimidas 8 folhas, isto é, uma dessas grandes folhas.

As páginas 97 f.-104 v. contêm uma descrição detalhada do estatuto dos filhos de escravos e estrangeiros entre os índios.¹⁸ Padre Yves fala também da prisão de um tradutor, um “truchment” europeu que vivia com os índios, adotando o nome indígena de Itaiuua (isto é, “bras de fer” – braço de ferro) [p. 99 r]. Conflitos entre europeus e “truchments”, que compartilhavam uma vida livre com os indígenas (inclusive sexualmente), foram bastante comuns na época, sendo mencionados já na colônia de Villegaignon (1555-1560).¹⁹

No capítulo 24 se encontra, porém, uma passagem que talvez seja uma razão suficiente para uma censura (que suprimiu como sempre inteiramente as oito páginas).

Neantmoins ce Sauvage pauvre quant aux biens extérieurs, est si riche d'autorité & de puissance vers les siens, qu'il est capable de remuer cinquante mille ames dans sa nation, & les tirer apres soy du costé où il panheroit, & ce sans argent, sans solde, sans recompence & salaire: Qui est ce Monarque des trois vieilles parties du monde, Asie, Affrique & Europe, qui en peut faire autant?

[p.102 f./p.103v.]

Contudo, este Selvagem, pobre quanto aos bens exteriores, é tão rico de autoridade e de poder diante dos seus, que ele é capaz de comover cinqüenta mil almas de sua nação, levando-as consigo para o lado onde

se inclinar, E isto sem dinheiro, sem soldo, sem recompensa nem salário. Qual é o Monarca das três partes antigas do mundo, Ásia, África e Europa, que pode proceder do mesmo modo?

Yves d'Évreux fornece ele mesmo a resposta a essa questão retórica:

C'est que la nature a conservé beaucoup de ses traicts & lineamens entiers, dans ces Nations solitaires: lesquels ont esté corrompus au vieil monde, par l'ambition & l'avarice: tellement que l'inclination naturelle de suivre un Chef, pour la tuition du Public, faict en ces Sauvages ce que l'autorité des Potentats en ce monde corrompu, ne peut faire sur leurs subjects; [...]

[p. 103 f.]

É que, nestas Nações isoladas, a natureza conservou muitas de suas características e seus lineamentos inteiros; os quais foram corrompidos no velho mundo pela ambição e a avareza. De tal modo que a inclinação natural de seguir um Chefe, pela proteção do Público, exerce nestes selvagens aquilo que a autoridade dos Potentados neste mundo corrompido não pode exercer sobre seus súditos; [...]

A comparação moral entre a cultura indígena e a cultura européia faz parte de uma velha tradição dos livros de viagens e foi mais tarde o modelo para grande parte da literatura de utopias, que usou essas críticas para criar um mundo ideal, mostrando assim as falhas dos sistemas existentes. Mas Yves, nessa passagem, vai além dos limites aceitáveis – provavelmente sem saber ele próprio do potencial crítico de seu livro. Sempre era possível criticar sem problemas os cristãos europeus e a reticência deles em seguir os deveres da religião, mas aqui Padre Yves parece aplicar a noção de “corrupção” exclusivamente à cultura européia. No contexto da comparação entre a cultura indígena (sempre vista como inferior porque não cristã) e a civilização e religião européias isso não era aceitável para Rasily. Na continuação do texto, Yves comete outra imprudência aplicando o termo de “virtude natural” aos selvagens:

[...] la domination des Sauvages provient de vertu naturelle, & ne se conserve que par icelle; & la domination de la plus part des Grands de l'Europe, vient de succession, & se conserve par puissance, mettant à part, l'ordonnance & providence de Dieu: desquelles procedent & descendent toutes les Principautez, Dominations & Puissances[...]

[p. 103 v.]

[...] a dominação dos selvagens provém da virtude natural e não se conserva senão por ela; E a dominação da maior parte dos Grandes da Europa, vem da sucessão, e se conserva pela força, colocando à parte a

ordem e a providência de Deus. Daquelas procedem e descendem todos os Principados, Dominações e Impérios [...]

A idéia que as estruturas de dominação européia vêm da herança e sucessão (à parte a investidura de Deus brevemente mencionada) e as dos selvagens da virtude era demais para Rasily, porque se podia facilmente ver nisso uma crítica implícita da fundação divina do poder dos reis e dos impérios europeus. Também a idéia que a influência de um chefe indígena na tribo é maior do que a de um rei europeu no seu território não é muito lisonjeadora para uma pessoa poderosa na Europa e os leitores da Corte de Paris. Mesmo Padre Yves parece ter sentido um pouco o perigo de ser mal entendido e acrescenta uma passagem justificadora:

[...] tant s'en faut que ie vueille faire aucune comparaison, entre les actions de ces barbares, & celles des Chrestiens, qu'au contraire: ie scay que la moindre vertu d'un Chretien surpasse sans parangon, toutes les vertus naturelles, qui pourroient estre en ces barbares: ains mon intention est bien, d'estaler ce que i'ay trouvé de beau en ceste nation, pour le presenter à nos François [...] incitant le Chretien, par la comparaison d'une chose beaucoup inférieure à sa dignité, telle qu'est la façon de faire du Sauvage, à executer choses grandes.

[p. 104 f.]

[...] Ainda falta muito para que eu queira fazer alguma comparação entre as ações destes bárbaros e aquelas dos cristãos. Ao contrário: eu sei que a menor virtude de um cristão suplanta sem paralelo todas as virtudes naturais que possam existir nestes bárbaros. Assim, minha intenção é bem outra, expor aquilo que eu encontrei de bom nesta nação, para apresentar a nós, franceses [...] incitando o cristão, pela comparação com uma coisa muito inferior à sua dignidade, tal como é a maneira de fazer do selvagem, a executar grandes coisas.

François de Rasily era muito mais prudente e evitou toda possibilidade de equívoco ao suprimir essas páginas.

Nas páginas [113 f.-120 v.] é menos evidente, no primeiro momento, encontrar uma razão da censura. Padre Yves escreve sobre o que ele chama a "oeconomie" dos índios, hoje se diria a cultura material e as estruturas sociais da sociedade indígena. Ele acrescenta listas de objetos de uso cotidiano com seus nomes em tupi [p. 114 f. -116 f.]. Pode-se pensar, talvez, se essas passagens foram suprimidas porque não tinham nenhum interesse para um leitor que não falava tupi ou não era interessado em línguas. O capítulo seguinte tem o título "De l'inclination generale que les Sauvages ont de paroistre, que la Nature leur donne, tant en leurs gestes, qu'à rechercher des noms honorables" [cap. XXVII, p.116 v. - "Da inclinação geral que os selvagens têm de aparecer, que a Nature-

za lhes deu, tanto em seus gestos, como na procura por nomes honoríficos”]. Neste, Padre Yves menciona as incisões dos índios como senha de coragem e o “tomar nome” do inimigo depois de sua matança. A única idéia que podia ser vista como um pouco problemática é uma comparação entre cerimônias européias e comportamento indígena:

C'est une maxime que vous ne les voyez iamais s'amuser à caresser les femmes par accolades, baisers & autres façons effeminees que ie passe soubz silence, qui est une façon plus propre à un homme effeminé, qu'à un homme guerrier, & c'est la moquerie ancienne contre les grands guerriers, de s'arrester à ces gestes feminins [...]

[p. 118 v.]

É uma máxima que não os vereis jamais se divertir a acariciar as mulheres com abraços, beijos e outros modos afeminados sobre os quais silencio, o que é um modo mais adequado a um homem afeminado do que a um homem guerreiro. E é uma zombaria antiga contra os grandes guerreiros, de se preocupar com esses gestos femininos [...]

Os possíveis leitores do livro oferecido por Rasily eram pessoas da Corte e se sabe que o cerimonial espanhol, um comportamento social requintado e uma moda exageradamente refinada eram característicos da época. Um membro da Corte podia ver facilmente nessa idéia uma crítica dirigida a ele mesmo, sobretudo porque os protestantes e calvinistas sempre se esforçaram em mostrar uma grande sobriedade em seu estilo de vida e muitas vezes usaram o argumento do desperdício contra católicos e cortesãos.

As seguintes páginas censuradas [297 f.-304 v.] fazem parte do segundo tratado do livro de Yves d'Évreux, no qual ele faz um relato dos sucessos de sua missão. Ele discute ainda as razões do insucesso temporário e fala da lascívia dos índios, um argumento tradicional e também uma observação da vida sexual livre deles [p. 297 v]. Essa idéia podia, porém, ser utilizada pelos adversários da colônia, a exemplo dos argumentos contra os índios mencionados por Rasily no prefácio. Uma outra razão das dificuldades em civilizar os índios é, na visão de Yves d'Évreux, sua crueldade e vingança (“cruauté & vengeance”) [p. 300 f. e seguintes]. Decisivo para a censura foi certamente o que Padre Yves afirma sobre o ódio dos índios pelos portugueses, causado pela crueldade dos conquistadores:

Ce captieux Demon [scil. o diabo] a bien sceu abuser de la passion con-naturelle de ces Barbares, à sçavoir la timidité, à la concurrence de la cruauté des premiers Portuguais, il y a plus de six vintgs [sic] ans, lesquels, contre l'intention & volonté de leur Roy, massacrerent tant & tant de peuple, qu'ils causerent en ces nations generalement une crainte & une haine immortelle d'iceux, occasion unique de la damnation d'une infinité

de pauvres Sauvages, lesquels, n'eust esté cette cruauté, se fussent approchez des Peres de divers Ordres qui accompagnerent les Portugais, pour acquerir la cognoissance de Dieu [...]

[p. 300 v./ 301 f.]

Esse enganador demônio bem soube se aproveitar da paixão conatural destes bárbaros, a saber, a timidez, em concorrência com a crueldade dos primeiros portugueses há mais de cento e vinte anos [sic], os quais, contra a intenção e vontade de seu Rei, massacraram tantas e tantas pessoas, que eles causaram nestas nações em geral um temor e um ódio imortal de si. Ocasão única de danação [eterna] de uma infinidade de pobres selvagens, os quais, não fosse essa crueldade, teriam se aproximado dos padres de diversas Ordens que acompanhavam os portugueses, para alcançar o conhecimento de Deus [...]

Mesmo se Yves admite que esse comportamento não era uma intenção política do rei português, o capuchinho não pode deixar de denunciá-lo com violência:

[...] ils [scil. Os Tupinamba] ont aymé mieux percer les forests deserts, errer vagabonds dans des pays incogneus, perseverans en leur ignorance, & demeurer en la captivité de Sathan, que soutenir le joug si facheux de ces premiers Portugais, tenans pour axiome parmy eux, qu'il estoit impossible que le Dieu de [sic] Portugais fust bon, puis qu'ils en estoient si meschans & mauvais.

[p. 301 f.]

[...] Os tupinambás preferiram penetrar as florestas desertas, errar vagabundos por terras desconhecidas, perseverantes em sua ignorância, e permanecer sob a dependência de Satã, que sustentar o jugo tão deplorável destes primeiros portugueses, tendo por axioma entre [os índios], que seria impossível que o Deus dos portugueses fosse bom, já que eles eram tão perversos e malvados.

Como na passagem citada acima, também aqui Padre Yves parece ter sentido o potencial crítico dessas idéias (ou, talvez, uma pessoa da ordem dos capuchinhos que leu o manuscrito para uma avaliação, pois todo livro de um religioso tinha que receber a permissão de impressão antes da publicação para não conter idéias contra a fé), acrescentando outra vez uma justificação dos reis:

Ce seroit offencer la puissance que Dieu a donnee aux Roys, d'accuser le Roy de Portugal, & le Roy des Espagnes, à cause des cruantez

commises par les soldats envers ces Indiens, d'autant qu'aussi tost qu'ils en furent advertis ils y apporterent remede, mais bien tard.

[p. 301 v./302 f.]

Seria uma ofensa à Soberania que Deus concedeu aos Reis, acusar o Rei de Portugal e o Rei de Espanha por causa das crueldades cometidas pelos soldados contra os índios, na medida em que, tão logo foram advertidos, eles [os reis] forneceram remédio [ao problema], embora bem tarde.

Nesse trecho, Yves faz uma alusão às leis portuguesas para a proteção dos índios. Sabe-se que já o Regimento dado pelo Rei ao primeiro governador Tomé de Souza em 1548 só permitia a punição de índios rebeldes. A lei de 20 de março de 1570 proibiu outra vez a escravidão de índios. Outras leis (de 05 de junho de 1605 e de 30 de julho de 1609), obtidas, sobretudo, através do apoio dos jesuítas contra medidas dos colonos, insistem na liberdade dos índios e proibem o trabalho forçado.²⁰ A demanda contínua de novos trabalhadores nas fazendas e nos engenhos impedia uma aplicação dessas leis na vida concreta da colônia e provocou uma severa campanha dos colonos contra os jesuítas, que, ainda no século XVI, culminou com os chamados Capítulos de Gabriel Soares de Souza, que ele entregou ao Rei de Espanha em 1587, junto com o seu importante Tratado descritivo do Brasil.²¹ No texto de Yves há a única alusão às tentativas dos jesuítas portugueses. O padre jesuíta Francisco Pinto, junto com o grande lingüista do tupi Luis Figueira (Arte da gramatica da lingua de Brasil, 1611), tentou introduzir a religião católica no Ceará, em 1607.

[...] ie rapporteray l'Histoire d'un Pere Jesuite, Indien de nation sorti de leurs Colleges bastis en ces terres du Bresil, quelques annees auparavant que nous allassions à Maragnan, afin de venir au mesme lieu convertir les Tapinambos, & donner aux marchands François une bonne somme de deniers qu'il faisoit apporter quant & luy, pour leur faire quitter l'Isle.

[p. 302 f.]

[...] eu narrarei a história de um Padre Jesuíta, índio de nação, saído de seus colégios fundados nestas terras do Brasil, alguns anos antes que nós viéssemos ao Maranhão, a fim de vir ao mesmo lugar converter os tupinambás, e dar aos comerciantes franceses uma boa soma em dinheiro, que ele levava consigo, para fazê-los abandonar a ilha.

Francisco Pinto foi depois morto pelos índios, fato conhecido por Yves d'Évreux:

Ce Pere Jesuite, comme ils m'ont raconté, vint, iusqu'à la montagne de Camoussy, où il fut fleché & tué par les habitans du lieu, & lors toute sa compagnie se sauva comme elle peut, & son compagnon avec eux,

allans qui deçà, qui delà, & ces deux ieunes hommes sus mentionnez prindrent le chemin de l'Isle.

[p. 302 v.]

Este Padre Jesuíta, conforme me contaram, veio até a montanha de Camoussy [no Ceará], onde ele foi flechado e morto pelos habitantes do lugar, E então toda sua companhia se salvou como pôde, E seu companheiro entre eles, indo de um lado para o outro, E estes dois jovens acima mencionados [scil. os dois tradutores indígenas Sebastien e Gregoire] tomaram o caminho da ilha [São Luís do Maranhão].

Claude d'Abbeville foi muito mais prudente em seu livro e não mencionou o trabalho dos jesuítas. Yves fala com mais detalhes dessa missão jesuítica, porque o fracasso dela explica como esses dois índios já catequizados, chamados Sebastião e Gregório, foram parar no Maranhão. Eles foram muito importantes para o trabalho missionário de Yves, porque tinham aprendido de cor as orações dos jesuítas, as quais foram usadas pelo capuchinho francês em seu trabalho cotidiano e depois transcritas em seu livro.²² O trabalho dos jesuítas é para Padre Yves sem sucesso:

Car ce que les Portugais ne peuvent acquerir, y employassent-ils toute leur industrie & marchandises, le François l'a acquis, sans y rien dependre, à sçavoir, la douceur, & volontaire subjection, que ces gens acceptent soubz le Roy des François: & en suite, le desir qu'ils ont, de cognoistre Dieu, & d'estre lavez du Baptesme.

[p.303 f.]

Porque aquilo que os portugueses não podem adquirir, [mesmo] empregando toda sua indústria e mercadorias, o francês adquiriu quase sem esforço, a saber, a doce e voluntária sujeição, que estas gentes aceitavam sob o Rei dos franceses: E em seguida, o desejo, que eles têm, de conhecer Deus, E de ser [salvos] pelo Batismo.

Um dos problemas dos capuchinhos era justificar porque a missão dos índios do Maranhão podia funcionar somente com os franceses e não com os portugueses, os quais já tinham estabelecido missões, sobretudo dos jesuítas, em quase toda parte de seus domínios. Uma das justificativas dos capuchinhos é a livre submissão dos índios à aliança com os franceses (nas cerimônias descritas em detalhes por Padre Claude) e a política de "douceur" ("doçura"), de bom tratamento dos índios. Os franceses dependiam certamente da boa vontade dos índios, que forneciam a indispensável comida e o suporte militar contra os portugueses. Por isso era de seu interesse bem tratá-los.

Falta a razão da censura das páginas [337 f.-344 v.]. Nestas, Yves entra em detalhes sobre o xamanismo dos índios e faz publicidade em favor da fundação de um seminário para crianças no Maranhão:

Qu'estimez vous que deviendra ceste ieunesse quand elle sera receuë dans un Seminaire, puis qu'elle montre à present tant de belles esperances? Le trouve pour moy que c'est une des plus signalées liberalitez faictes à l'honneur de Dieu, qu'ayder à bastir & entretenir des Seminaires & escoles publiques en ces nouveaux pays, pour instruire la ieunesse premierement en la cognoissance de Dieu.

[p. 341 f.]

Estimai vós o que será desta juventude, quando ela for recebida em um Seminário, já que ela mostra, no presente, tão belas esperanças? Tenho por mim que uma das mais distintas dádivas feitas em honra de Deus é ajudar a construir e manter Seminários e escolas públicas nestes novos países, para instruir a juventude primeiramente no conhecimento de Deus.

Talvez a enfática e declarada publicidade da colonização pareceu um pouco exagerada a François de Rasily, sobretudo num momento em que a colônia já tinha deixado de existir. Uma outra comparação das possibilidades da salvação entre cristãos e índios pode também ser a razão da censura, mesmo se corresponde à doutrina cristã:

Dieu n'est acceptateur du Docte & de l'Ignorant, du Libre & de l'Esclave, du Sauvage ou du Courtisan: Et par ainsi nous ne ferons tort à personne, si nous disons que les Sauvages Baptisez comprennent par le don de la Foy aussi aisement que nous, les mysteres d'icelle sans rien dire de plus.

[p.343 f.]

Deus acolhe o Sábio e o Ignorante, o Livre e o Escravo, o Selvagem e o Cortesão: E assim, nós não faremos injustiça a ninguém, se nós dissermos que os selvagens batizados compreendem, pelo dom da Fé, tão facilmente quanto nós os mistérios [da Fé], sem nada dizer a mais.

CONCLUSÃO

Mesmo se não temos nenhum documento que prove que Rasily fez essas censuras, a existência de seu prefácio, tanto no exemplar mais completo de Nova Iorque quanto no exemplar com dupla censura de Paris, mostra que foi provavelmente ele mesmo quem salvou o que se conservou do livro já censura-

do anteriormente por uma pessoa desconhecida. Rasily fez outra censura no exemplar para o rei, mas conservou essas passagens num exemplar pertencente a uma biblioteca privada, talvez a sua própria. Como demonstrado, as censuras se referem a passagens que podem ser interpretadas como críticas dos reis, dos cortesãos ou dúvidas sobre as possibilidades de civilizar os índios maranhenses. Outras partes censuradas são ataques verbais aos portugueses e a seu tratamento dos índios, bem como reflexões sobre o reduzido sucesso da missão jesuítica no norte do Brasil.

Como todas as censuras, também essa mostra o que era aceitável para um leitor num livro de viagem do período. Negar a leitura a outras pessoas importantes já indica a própria idéia que François de Rasily fazia do nível de crítica que a Corte podia suportar. Todas as críticas dos portugueses deviam ser meticulosamente evitadas, assim como todas as comparações do comportamento ou da vida social de índios e europeus que pudessem ser vistas como um juízo negativo sobre a cultura européia, sempre superior, na visão comum da época, em função da religião cristã e da dominância militar nunca posta em questão.

Temos que admitir que Rasily, mesmo sendo militar, pelo menos se ocupou em salvar o livro de Yves d'Évreux, que sem ele provavelmente teria sido perdido, não só em parte, mas inteiramente. Certamente, o impressor Huby não tinha o menor interesse em publicar um livro fragmentado, sobretudo se ele tinha recebido antes dinheiro para suprimir o texto, conforme Rasily alega em seu prefácio. As folhas não encadernadas certamente seriam perdidas mais tarde. Podemos somente supor o que estava escrito nas passagens perdidas durante a primeira censura, talvez fossem citações do mesmo teor que as deixadas de lado por Rasily, certamente eram outras idéias críticas de Yves d'Évreux "malgré lui" (involuntariamente). Só nas partes que faltam do prefácio de Yves se pode supor do contexto conservado que eram uma descrição detalhada do frontispício do livro, tal como fez Padre Claude com as alegorias do frontispício de *Histoire de la mission des pères capuchins*. Como esse frontispício certamente não foi mais gravado, essa descrição foi considerada supérflua. De resto, um prefácio como "para-texto" era sempre um contexto no qual se podiam acrescentar reflexões do autor sobre o futuro da colônia ou sobre a intenção do livro; reflexões que foram certamente mal vistas pelo primeiro censor desconhecido.

O livro do capuchinho Yves d'Évreux, por razões exteriores, não teve a sorte que merecia o seu espírito aberto de observação da cultura indígena e da natureza brasileira, estando à espera de uma edição crítica de todas as partes conservadas.

(1) André Thevet. Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle. Le Brésil et les Brésiliens par A. Thevet. Ed. de Suzanne Lussagnet. (Pays d'outre mer. Deuxième série, Les classiques de la colonisation, 2), introduction par Charles A. Julien, Paris, 1953.

(2) Ver a carta de Marie de Médicis, Fontainebleau, 12.10.1611 em Nicolas Fornerod. Sur la France équinoxiale, sobre a França equinocial, Alliance française de São Luís, Academia Maranhense de Letras, 2001, p. 30-35.

(3) Franz Obermeier. Französische Brasilienreiseberichte im 17. Jhdt., Claude d'Abbeville: Histoire de la mission; Yves d'Évreux: Suite de l'histoire, Bonn 1995, ISBN: 3-86143-035-5. Vou publicar as partes censuradas do livro de Yves d'Évreux no trabalho: Documentos inéditos para a história do Maranhão e do nordeste na obra do capuchinho francês Yves d'Évreux Suite de l'histoire (1615), a aparecer em publicação do Museu Goeldi em Belém (Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi / Antropologia).

(4) Cito segundo a paginação do texto original e também a paginação da primeira edição de Ferdinand Denis, Yves d'Évreux. Voyage dans le nord du Brésil par le Père Yves d'Évreux publié d'après l'exemplaire unique conservé à la bibliothèque impériale de Paris, avec une introduction et des notes par Ferdinand Denis, (Biblioteca americana, collection d'ouvrages inédits ou rares sur l'Amérique), Leipzig/Paris, 1864. Com [] indico as páginas que só se encontram no exemplar de Nova Iorque: Uma nova edição crítica do livro de Yves d'Évreux com a integração dessas partes desconhecidas é necessária.

(5) François de Malherbe escreveu essas cartas a um amigo da juventude, Nicolas Claude Fabri de Peiresc. Elas foram publicadas em Serafim Leite de Faria: Os primeiros missionários do Maranhão, Achegadas para a História dos Capuchinhos Franceses que aí estiveram de 1612 a 1615, in: O centro de Estudos históricos ultramarinos e as comemorações henriquinas, Lisboa, 1961, nas páginas 192-195. Foram escritas por ocasião do batismo de três índios tupinambá na Corte, evento descrito também com muitos detalhes por Claude d'Abbeville (Histoire, 1612, chapitres 59/60, p. 365-377) e numa folha volante da época, sendo um acontecimento social considerável.

(6) Segundo as práticas de impressão da época, estas são páginas duplas, ou seja, numeradas frente (f.) e verso (v.). De modo que há a página 97 f., a página 97 v. e assim por diante.

(7) Na edição original de Yves d'Évreux, a partir da página 361 as páginas foram erradamente numeradas outra vez, 361-364, provocando uma dupla paginação.

(8) Catalogue de la précieuse bibliothèque de feu M. le Docteur J. Court comprenant une collection unique de voyageurs et d'historiens relatifs à l'Amérique, Paris, 1884.

(9) Anatole Louis Garraux. Bibliographie brésilienne, catalogue d'ouvrages français & latins relatifs au Brésil (1500-1898), Paris, 1898.

(10) Serafim Leite de Faria: Os primeiros missionários, l.c., p.83-216.

(11) Não é mencionado nos estudos de Maurice Pianzola. Des Français à la conquête du Brésil (XVII^e siècle): les perroquets jaunes, Paris, 1991; nem na edição muito abreviada do livro de Yves d'Évreux. Voyage au nord du Brésil: fait en 1613 et 1614, présentation et notes d'Hélène Clastres, Paris, 1985; nem ainda nas traduções do livro do Padre Yves em português. O livro de Andréa Daher trata quase exclusivamente da obra de Claude d'Abbeville e também ignora o exemplar mais completo de Yves d'Évreux. Ver Andréa Daher. Les singularités de la France Équinoxiale:

histoire de la mission des Pères Capucins au Brésil (1612 - 1615), (Les géographies du monde; 5), Paris, 2002 (trata-se de uma reedição da tese dela publicada em microfilme em 1996).

(12) Ver em minha tese p. 394-398.

(13) Publicado em Leite l.c., (1961), p. 204-209. A primeira edição foi feita numa história da família Razilly: Michel G. de Razilly. *Généalogie de la famille de Razilly*, Laval, 1903.

(14) Isaac de Razilly. *Mémoire au Cardinal de Richelieu*, 1626. O texto foi publicado no artigo de Léon Deschamps. *Un colonisateur du temps de Richelieu*, Isaac de Razilly biographie - mémoire inédit, in: *Revue de géographie* (1887), p. 1-35, aqui p. 27. Existe nova edição dessa publicação em microfilme.

(15) Uma nova edição junto com o manuscrito de Sainte Colombe está na publicação: Maurício de Heriarte. *Descrição do estado do Maranhão, Para, Corupa, Rio das Amazonas*, introd. de Karl Anton Nowotny, ed. facsimilar dos manuscritos MSS 5880 e 5879 da biblioteca nacional austríaca (Österr. Nationalbibliothek), Wien/Graz, 1964.

(16) Sobre as tentativas inglesas de estabelecer feitorias e colônias na região do Amazonas, ver a publicação de fontes: Joyce Lorimer [ed.]. *English and Irish settlement on the River Amazon, 1550-1646*, (Works issued by the Hakluyt Society; 2nd ser., no. 171), London, 1989.

(17) Na nova edição do Padre Yves em português (que corresponde às velhas traduções feitas à base da edição de Denis de 1864), essas partes seriam a prolongação da página 140, p. 147, p. 304 (falta todo o capítulo X na edição de César Marques) e p. 326. Cf. *Viagem ao norte do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2002.

(18) Para o grande valor etnológico dessas partes, ver em minha tese p. 303-306 e a minha publicação para o Museu Goeldi.

(19) Ver para os "truchments" e os seus documentos linguísticos o meu artigo: *Katechismen in der "língua geral" der brasilianischen Tupiindianer und ihre Überlieferung in zeitgenössischen französischen und portugiesischen Dokumenten des 16. und 17. Jahrhunderts*, in: *Bibliotheksforum Bayern*, 1998, p.48-69.

(20) Para a legislação na região amazônica ver Kiemen. *The Indian policy of Portugal in the Amazon region, 1614-1693*. Washington, 1954, p.4-6. Para as leis indígenas em geral, Georg Thomas. *Die portugiesische Indianerpolitik in Brasilien, 1500-1640*, (Biblioteca Ibero-americana 10), Berlin, 1968. Ou a tradução portuguesa: *Política indigenista dos Portugueses no Brasil, 1500-1640*. tradução de Jesus Hortal, São Paulo, 1981.

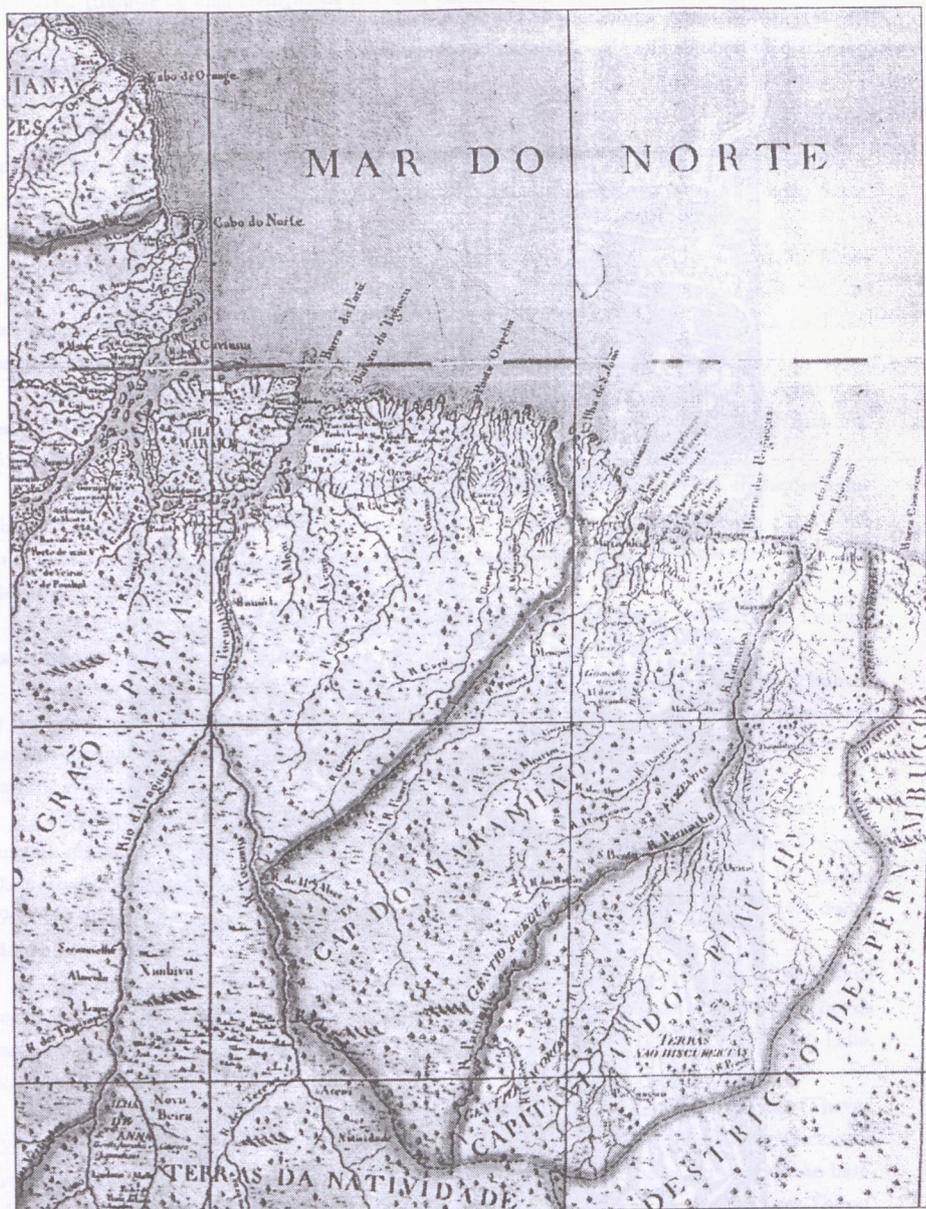
(21) Foram editados pelo historiador jesuíta Serafim Leite no artigo: *Os "Capítulos" de Gabriel Soares de Sousa*, in: *Ethnos*, Lissabon, 1947, S.217-248. O manuscrito original com as refutações da parte dos jesuítas se encontra no arquivo dos jesuítas em Roma: "Brasília 15, S. 383-384", ver Leite, l.c. p.220, nota 2.

(22) Para as versões de orações básicas em tupi na tradição francesa e portuguesa (Thevet. *Cosmographie*, 1575; Anchieta, Antonio de Araújo. *Catecismo*, 1618), ver o meu já mencionado artigo *Katechismen in der "língua geral"*, 1998. Yves transcreve pela primeira vez uma versão baseada em velhas traduções e corrigida por Anchieta. A primeira versão, transcrita em 1575 por Thevet, é certamente também de origem jesuíta, mas foi deixada de lado mais tarde. O governador do Maranhão Bernardo Pereira de Berredo escreve nos seus *Annões historicos do estado de Maranhão* (Lisboa, 1749), baseando-se certamente em documentos da época, que as orações contidas no livro de Yves d'Évreux foram traduzidas por ele e alguns índios: "as apostolicas doutrinas, (traduzidas

pelo Senhor des-Vaux, e hum Indio Catholico, que se chamava Sebastião, pratico tambem na lingua Franceza)" (p.65). Foram aprendidas de cor pelos mencionados índios na catequese dos jesuítas e explicadas pelo tradutor Des Vaux juntamente com os índios a Padre Yves.



Levantamento da cruz. In: Claude d'Abbeville, Histoire de la mission des pères capuchins. Paris, 1612.



Mapa do Estado e Capitãncias do Grão-Pará. In: Mapa: Imagens da Formação Territorial Brasileira. Pesquisa, textos e seleção cartográfica de Isa Adonias; fotografias e organização de Bruno Furrer; versão para o inglês, H. Sabrina Gledhill; versão para o espanhol, Gloria Rodriguez. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993, p.81.